

A Vaidade

Pseudônimo: GAUDÉRIO SEPÉ

Poesia

Alguns a chamam de vício
Muito intensa, prejudica!
Outros a têm, sem saber,
Que ela é virtude, beleza
Que já vem, desde o início,
De maneira muito rica,
Ostentada no poder
Da cobiçada nobreza

Outros, poetas, pensadores
Ao contemplar com deslumbre
O universo, a vida,
Exclamam maravilhados:
-”Grande, Senhor dos senhores!
Extasia-nos o vislumbre,
Das maravilhas, contidas,
Em Seu Poder, encantados”

Com Sua Mão Poderosa
Até mesmo o Criador,
Não Se conteve ao ditar:
-”Faça-se a luz, agora!”
P’ra que a obra portentosa
Fosse vista com amor
E, ao primeiro dia raiar,
Mostrasse as cores da aurora

Sem a vaidade, jamais
Existiria o pavão,
Céu azul e nuvens brancas;
Também jamais haveria
Outros tantos animais,
Pelos, cores, júbas, leão,
Crinas, brilhos e potrancas,
Flores, relvas, pradarias

Dela temos, com certeza
Uma pitada que seja,
Pois quem não se olha um pouco
Na frente do espelho, assim,
Ao conferir a beleza
P’ra que todo olho a veja,
Embora este mundo louco
Faça gracejos, enfim

A vaidade põe p’ra fora

Os sentimentos, sem dó,
Pois não se pode escondê-los,
Nem disfarçar, nem negá-los;
E naqueles que ela aflora
Há um pensamento só,
Desnecessário dizê-lo,
Nota-se logo, ao fitá-los

Não se condene a vaidade
Como apenas um defeito
Pois ela incita o saber,
Desafia os vencedores;
Impulsiona a mocidade
Na busca de seus direitos;
Aos sábios, lhes dá o poder
Que os torna doutrinautores